

Bem do seu tamanho: inquietações e buscas de uma menina

Etiene Mendes Rodrigues*
Universidade Federal da Paraíba - Campus II

Resumo:

O universo infantil com suas dúvidas, suas alegrias, seus medos e suas fantasias são sempre visitados na ficção de Ana Maria Machado. Tentaremos mostrar em *Bem do seu tamanho* (1984) que as diferentes questões levantadas por Helena e o modo como são articuladas pelo jogo narrativo conferem ao livro um caráter inovador no modo de representação da personagem feminina. Procuraremos também apontar a aproximação desta obra com dois grandes expoentes da literatura infantil: Lewis Carrol (*Alice no país das Maravilhas*) e Monteiro Lobato (*Reinações de Narizinho* e outras obras).

Ana Maria Machado nasceu no Rio de Janeiro, morou algum tempo em Buenos Aires, formou-se em Letras pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, foi professora de Teoria literária, Literatura brasileira, Comunicação fabular e Comunicação icônica, e História do cinema e televisão em duas Faculdades do Rio de Janeiro.

Autora de mais de 100 obras, nove delas para adultos, Ana Maria Machado recebeu vários prêmios - destacamos o João-de-Barro (1977) e o prêmio Jabuti (1978) - com o livro *História meio ao contrário*. Também foi merecedora do prêmio Fernando Chinaglia, em 1979, com *Bem do seu tamanho*; seu prêmio mais recente, agora internacional, foi o Hans Christian Andersen, o "Nobel" da literatura infanto-juvenil, em 2000.

Escritora que se lançou no mercado nos anos 70, Ana Maria propõe, em suas obras, entre outras questões, um rompimento com as estruturas tradicionais vigentes, em que a produção literária destinada ao público infantil era mais de cunho moralista e pedagógico, deixando muito a desejar no aspecto literário.

Dentre sua vasta obra, escolhemos, para este trabalho, a narrativa infanto-juvenil *Bem do seu tamanho* para mostrar que as diferentes questões levantadas por Helena (personagem principal) e o modo como são articuladas pelo jogo narrativo conferem ao livro um caráter inovador no modo de representação da personagem feminina. Procuraremos, também, apontar a aproximação desta obra com dois grandes expoentes da literatura infantil: Lewis Carrol (*Alice no país das maravilhas*) e Monteiro Lobato (*Reinações de Narizinho* e outras obras).

O enredo e seus momentos:

Bem do seu tamanho (1984), de Ana Maria Machado, narra a história de Hele-

* O presente trabalho foi realizado junto à disciplina Literatura Infantil, no curso de Letras da UFPB – Campus II, sob orientação do Prof.: Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

na, uma menina que queria saber que tamanho tinha. Para obter a resposta, a personagem faz uma viagem com seu amigo Bolão - o Boi de Mamão - e acaba se deparando com outros companheiros (Tipiti, Flávia, o Espantalho e o Lambe-Lambe), com os quais vai viver inúmeras aventuras.

Helena é uma menina pobre que vive com seus pais no meio rural. A viagem é preparada com o auxílio da mãe e o consentimento do pai. Ela leva consigo o Boi de Mamão e o samburá com alimento. A viagem de Helena é de autodescoberta, conforme ela mesma afirma em conversa com Bolão, seu amigo preferido: "Eu quero mesmo é saber como eu sou, se eu sou grande ou sou pequena (...) E se eu não sei, se você não sabe, se mamãe e papai a cada hora sabem uma coisa diferente, acho que o jeito mesmo é a gente sair por aí para descobrir." (p. 10). É esta inquietação que motivará Helena a viajar com Bolão - amigo inseparável da menina.

Decidida a viajar, Helena inicia os preparativos, e mais uma vez a questão do seu tamanho vem à tona, como podemos perceber no diálogo com sua mãe e seu pai:

Mãe - Você bem que podia ajudar. Afinal, já *está bem grandinha* e pode passar seu vestido. (...)

Pai - Nada disso. *Você é muito pequena* para mexer em fogo.

Helena - Ah, *é? Sou bem grandinha e sou muito pequena?* (p. 11) (grifo nosso)

Feitos os preparativos, Helena inicia sua viagem com Bolão, e logo encontra Tipiti e Burrico. Tipiti, na verdade, chama-se Jorge, mas tem esse apelido por ser comprido e magrelo, bem parecido com o instrumento que serve para espremer massa de mandioca, como ele mesmo diz: "De uns tempos pra cá, dei para crescer e ficar comprido e magrelo. Aí começaram a me chamar de Tipiti." (p. 17)

Depois de se tornarem amigos, Tipiti resolve acompanhar Helena na busca de uma resposta para seu questionamento. Mais à frente, no meio do caminho, encontram uma garota com sua bicicleta quebrada. Trata-se de Flávia, conhecida como "a menina inventadeira de moda", e que gosta muito de inventar palavras; ela também se junta ao grupo de viajantes.

Agora, com o grupo já formado, vão-se suceder algumas aventuras que percorrerão o restante da narrativa. A primeira delas acontece quando os pequenos aventureiros chegam a um campo todo plantado de milho, cheio de pássaros por todos os lados, onde encontram um espantalho. Esse encontro foi, para eles, uma surpresa: como poderia haver tantas aves num lugar onde existia um elemento que, segundo a tradição, tinha o dever de espantá-las? De acordo com a explicação do próprio Espantalho, ele era um "espantador de alho" - e que por essa razão possuía tal nome -, e não "espantave", isto é, espantador de ave. (p. 29)

Após terem viajado o dia inteiro, as crianças param para comer e descansar para poder seguir viagem no dia seguinte.

Ao amanhecer, escutam as badaladas de sinos, vindas da vila onde acontecerá uma festa, e vão em direção a elas. Chegando na cidade, todos ficam abismados com a quantidade de coisas novas que encontram por lá, como a caixa colorida, com um pé só, tocando música, e com um periquito tirando a sorte de quem ali encostasse; "o monstro de cinco pernas", ou então, "o homem que faz as coisas diminuírem", que nada mais era do que o retratista. Mas, no final, tudo se esclarece, inclusive as dúvi-

das que Helena possuía, e as crianças acabam atraindo a atenção de todos que participavam da festa, para ajudarem o amigo Lambe-Lambe. Depois, os “viajeiros”, já satisfeitos, resolvem voltar cada um para sua casa.

O animismo preside toda a narrativa: o Boi de Mamão e o Espantalho falam e todo o percurso de suas aventuras apresentam um sabor de fantasia e invenção que lembra o jogo dramático.

Em seu livro *O jogo dramático infantil*, Peter Slade (1978) afirma que “o jogo é uma parte vital da vida jovem. Não é uma atividade de ócio, mas antes, a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar, absorver.” (p. 17, 18) Trata-se de uma atividade de recriação do real através da fantasia. A leitura e releitura de *Bem do seu tamanho*, nos faz pensar que o livro parece um grande jogo dramático, em que um grupo de três crianças que se encontram numa viagem, vai descobrindo também o encantado mundo das palavras.

Outro ponto interessante de se observar, e que preside as relações familiares, na narrativa, são as relações de poder. Pode-se notar, no exemplo abaixo, atitudes autoritárias, impostas pelo pai, quando Helena lhe pede ajuda porque sua mãe está ocupada:

- Isso mesmo. Espere que sua mãe passa o vestido para você.
- Ela não pode. Está cuidando de minha merenda.
- Então espere um pouco.
- Mas, pai, você não acha que mamãe vai ficar muito cansada? Já trabalhou o dia inteiro, ainda vai fazer um bolo, e no fim ainda precisa passar um vestido.
- Não posso fazer nada. Isso é *coisa de mulher*. (p. 11) (grifo nosso)

Menina questionadora, Helena discute com seu pai querendo saber o porquê das coisas. Seu caráter indagador faz com que perceba a fixidez injusta das relações familiares. Ao conversar com seu Boi de Mamão, a menina ironiza esse modelo:

- Estou falando com meu Boi de Mamão. Estou explicando a ele que serviço de homem dentro de casa é ficar sem fazer nada enquanto mulher faz tudo. E estou explicando a ele que é porque homem é forte. (p. 11)

Como se pode observar o modelo de criança que está representado nesta narrativa difere de uma tradição conformista, marcada por divisão rígida de papéis e que de fato serve para justificar inúmeras formas de exploração. A iniciativa da viagem é de Helena, todas as suas atitudes ao longo da narrativa revelam a criança inquieta, inquisidora, mas em nenhum momento dominadora. A convivência com o menino Tipiti, com Flávia e com os demais personagens confirma a postura de Helena. Estamos, portanto, diante de uma representação da personagem feminina que foge aos estereótipos das relações familiares ainda vigentes.

O livro e as outras histórias:

A intertextualidade tem sido uma marca constante da literatura moderna. No âmbito da literatura infantil o jogo intertextual foi brilhantemente trabalhado por Monteiro Lobato. Já em sua primeira obra, *Reinações de Narizinho*, há um surpreendente e conflituoso encontro de Narizinho com dona Baratinha. A partir deste encon-

tro, muitas alusões ao mundo das fadas são feitas. Mas é no livro *O Pica Pau Amarelo* que Lobato expõe toda sua força inventiva trazendo para o Sítio não apenas personagens do mundo das fábulas, mas lendas e mitos gregos e personagens de várias culturas. Ziraldo segue a receita de Lobato em *A bela borboleta*, proporcionando um encontro entre Gato-de-Botas, Sete Anões, Bela Adormecida entre outros.

Em *Bem do seu tamanho* temos um momento bem peculiar de alusão a outras narrativas infantis. É quando Helena está saindo. Observemos as recomendações da mãe:

- Cuidado com a floresta, que o *lobo mau* anda solto por aí...
- E o pai completou:
- E se vocês encontrarem alguma *velhinha* precisando de ajuda para carregar lenha ou apanhar alguma coisa num lugar que ela não alcança...
- ...ou um *anão* com a barba presa numa árvore...— lembrou a mãe.
- ...tratem de ajudar, porque pode ser uma *fada* ou um *gênio* disfarçado.
- A mãe foi se animando:
- É... e eles podem dar alguma coisa mágica a vocês, ou escolher vocês para afilhado, ou satisfazer três pedidos. (p. 14) (grifo nosso)

Mas há alusões mais sutis: a percepção da Helena sobre o tamanho das coisas e de seu próprio tamanho lembra o episódio de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll. Só que aqui não há nem bebida nem comida para crescer ou diminuir. O animismo de vegetais é velho truque lobatiano: quem não lembra o visconde de Sabugosa? Aqui é o Boi de Mamão. Como se vê, o diálogo com a melhor tradição infantil está presente nesta obra-prima de Ana Maria Machado. Podemos lembrar, também, que o motivo da viagem está presente em inúmeras obras para crianças. Destaco apenas o famoso conto de Grimm, “Os músicos de Bremen”, em que um burro, um cachorro, um galo e um gato viajam para a cidade à procura de trabalho. Esse conto inspirou outro clássico de nossa literatura infantil, o musical *Os saltimbancos*, de Chico Buarque de Holanda. Como se vê, o livro de Ana Maria Machado dialoga com o que há de melhor da literatura infantil e pode ser avaliado como uma das melhores obras escritas para crianças nos últimos anos.

Palavras finais:

Educadores e psicólogos vêm afirmando há muito a necessidade de cultivar a dimensão lúdica da criança. Um livro, essa “caixa mágica de surpresas”¹, como sugeriu Elias José, pode estimular esse lado mágico-lúdico, ativar a fantasia, o pensamento original e certamente contribuir com a formação humana de crianças e jovens. Não como catálogo de regras de vida, mas como incitador da fantasia e imaginação. O livro de Ana Maria Machado, como tentamos mostrar, é todo construído em cima desta perspectiva lúdico-fantasiada, explorando, sobretudo a dimensão animista da arte. Daí termos aproximado o livro de um jogo dramático. Dumazio (1991) chama a atenção para o valor do animismo e da fantasia infantil para a formação de um ser

¹ A expressão “Caixa mágica de surpresa” é título de um poema de Elias José que está no livro *Caixa mágica de surpresa*. São Paulo: Paulinas, 1990.

humano mais sensível ao mundo e à condição humana em geral:

“Assim, o animismo (hábito de dar vida humana a objetos e seres não humanos) poderá se transformar, na vida adulta, em uma profunda consciência cósmica, um profundo conhecimento da vida animal e da relação complexa com o mundo físico e seus significados; (...) a fantasia poderá ser a grande mola inspiradora do prazer e da criação; a consciência do ser social e da cidadania seriam uma extensão do auto-conhecimento lúdico e não repressivo; a espontaneidade funcionaria como antídoto para a neurose”. (p.50)

Para cumprir com função tão importante, a leitura literária precisa cada vez mais ser levada a crianças e jovens na escola e em diferentes lugares. E também é preciso discutir os diferentes usos da literatura na escola. A tendência de usar a literatura como pretexto para outras atividades é ainda muito forte. Em nome da interdisciplinaridade muitas vezes a literatura vira pretexto para aprender história, para aprender ecologia, para facilitar a alfabetização. Certamente, tudo isto poderá ser feito sem prejuízo da leitura, mas é preciso tomar cuidado com o pragmatismo que ainda está presente em muitas práticas pedagógicas com a leitura de obras literárias, embora com as melhores intenções e com inegável competência técnica.

A leitura literária vale por si mesma. E acima de tudo é um grande momento de encontro do leitor consigo mesmo. Encontro prazeroso e cheio de descobertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABRAMOVICH, Fanny (1989). *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo, Scipione
- DUMAZIO, Reinaldo Luiz (1991). *O que é criança*. 2.ed. São Paulo, Brasiliense.
- JOSÉ, Elias (1990). *Caixa mágica de surpresa*. Ilustrações: Helena Alexandrino. 7.ed. São Paulo, Paulinas.
- MACHADO, Ana Maria (1983). *Ana Maria Machado / seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Marisa Lajolo*. São Paulo, Abril educação.
- MACHADO, Ana Maria (1984). *Bem do seu tamanho*. 6.ed. Rio de Janeiro, Ed. Brasil.
- SAMPAIO, Rosa Maria W. (1980). *Meu filho é criativo?*. São Paulo, Almed.
- SLADE, Peter (1978). *O jogo dramático infantil*. (Tradução: Tatiana Belinky). São Paulo, Summus Editorial.

